

ARGILA CINZA

• ALEXANDRE DE BRITO ALVES



Pedro & João
editores

ARGILA CINZA



Pedro & João
editores

Alexandre de Brito Alves

ARGILA CINZA



Pedro & João
editores

Copyright © Alexandre de Brito Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre de Brito Alves

Argila cinza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 67p.

ISBN 978-65-5869-020-7 [Digital]

1. Argila cinza. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura amazônica. 4. Relações de trabalho. I. Autor. II. Título.

CDD – B-869

Capa: Felipe Roberto I Argila Design

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil)



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

SUMÁRIO

Apresentação	7
CAPÍTULO I Em busca de trabalho	9
CAPÍTULO II Caminho atoladiço	21
CAPÍTULO III A entrega das peças	33
CAPÍTULO IV Lenha no mato	39
CAPÍTULO V Mãos na enxada	45
CAPÍTULO VI Mãos no machado	55
CAPÍTULO VII A Fazendinha	59

CAPÍTULO VIII	61
A fornada	
CAPÍTULO IX	65
Entrega de material	
CAPÍTULO X	67
Salário semanal	

Apresentação

Em 2015, após ler o livro “1933 foi um ano ruim”¹ de John Fante, abateu-me o desejo a escrever uma obra de ficção. Entretanto, a falta de tempo e a desorganização do autor impediram tal intento naquela circunstância. Em 2017 iniciei os primeiros rascunhos, riscando papéis, relendo manuscritos e imaginando histórias reais (algumas sem o menor sentido), parecia um *Arturo Bendini* de “Pergunte ao Pó”,² também do autor citado. Todavia, o texto, em meio a riscadas e emperros, foi ganhando contorno e formalismo, ficando “pronto”, finalmente, no final de 2019.

Porém, ilustre leitor, trabalhar ficção para alguém que somente escreveu textos dissertativo-argumentativos foi um grande desafio, entretanto, resolvi caminhar por este trilha. O enredo, em primeira pessoa, conta a história de um adolescente

¹ FANTE, John. **1933 foi ano ruim**. Porto Alegre: L & PM, 2003.

² FANTE, John. **Pergunte ao Pó**. Título original: Ask the Dust. Tradução de Roberto Muggiati. Disponível em <lelivros.love>. Acesso: em algum dia de 2019.

e do trabalho “duro” para viver. Intenciona-se mostrar a dureza dos trabalhos que os pobres realizam para sobreviver em parte da Amazônia. Foca-se no cotidiano e nas interações sociais dos habitantes, em parte desta grande geografia.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

Em busca de trabalho

Em dezoito de janeiro de dois mil e quatro, papai acordou-me cedo, ordenando: - Levanta rapaz! Vai procurar o que fazer, tamanho o macho e dormindo até dez horas da manhã. Embora, na realidade, fosse sete da matina. Eu tinha dezesseis anos e todas as manhãs ouvia o velho irritante dá socos no punho da rede em que eu dormia, ordenando-me que fosse trabalhar.

Minha mãe, por outro lado, também não aliviava a barra, pois me dizia com frequência: - tem que trabalhar menino... Tá na hora; deve “fazer alguma coisa”.

Em meio às ordenações paternas e algemas por estas exercidas eu não hesitava em pensar que era realmente a hora de procurar labuta, não obstante, uma questão interrogava-me em demasia: como e onde encontrá-la? Porque em

Bragança-PA havia muita escassez de labor, sobretudo, aos jovens.

Naquele dia estive bastante inquieto, andei por nossa casa, coberta de telha Brasilit e com assoalho dividido em metade cimento e metade tábua.

Se acaso eu encontrasse um serviço, certamente, pensava: “isto minimizaria as esculhambações que recebia diariamente”.

Em meio àquela situação, lembrei-me do Paulo Renan, meu vizinho que há certo tempo trabalhava em uma olaria num lugar denominado Fazendinha. Uma semana antes mamãe havia me avisado que o mesmo, todas as manhãs, antes das sete horas, passava em frente de nossa casa em direção a tal ambiente. Eu, ao saber daquele informe, nenhum interesse sobre me despertou, pois, até então, não tinha o menor empenho em trabalhar. Todavia estava na hora de inclinar a tal curso da vida e a carga familiar forçava-me àquele intento.

A rua Treze de Maio, onde conspicuamente, quando eu era criança, brincava em manhãs, tardes e noites já não mais receberia meus passos

cotidianos como dantes. Por estas plagas alguém aos dezesseis anos deve fazer alguma coisa e não refiro-me essencialmente aos estudos, evento este, diminuto entre os garotos de minha idade que, ao completarem quinze anos, iniciavam no trabalho, geralmente acompanhavam seus pais na pesca, no serviço ambulante ou em construções de casas (serviços de pedreiros).

O dia dezoito de janeiro foi de demasiada reflexão, inobstante, olhei a grande ladeira que se vislumbrava a partir das proximidades de nossa residência, que permitia-me observar o horizonte que Renan morava, eu, porém, não o vi. Ainda na manhã, esperei-o sentado em frente à residência do Senhor Sebastião (um velho de oitenta e três anos que vivia ao lado de nós). Aquando de sua espera, ouvir: “ele está bebendo para o Joãozinho”, disse-me Dona Rosa, mulher do dito homem.

O “Joãozinho” era como a gente denominava um riacho distante, a cerca de quatro km de nossa rua. Lá era onde a moçada se reunia aos domingos para namorar, jogar futebol e beber cerveja. No que concerne ao pessoal de nosso logradouro, este, comumente, ia de bicicleta. Assim sendo, mediante aquela informação, em propalada logo às nove

horas, pensei que, por aquele interlúdio, Paulo retornaria apenas à tarde. Restou-me, então, esperá-lo.

À tarde, às dezoito horas, Paulo desceu a ladeira que se localizava a perpendicular de minha casa, vestindo boné preto, sandália havaiana azul, um short do Flamengo e uma camiseta roxa enrolada no ombro.

- Ei Paulo Renan! O Interpelei.

Ele olhou-me de soslaio, desceu da bike preta e caminhou à minha direção. – O que tu quer?

- Fiquei sabendo por minha mãe que tu tá trabalhando na Fazendinha, e eu quero saber se realmente há trampo por lá.

Ele, sem hesitação, expressou.

- Sim, ontem conversei com o patrão, acabei tocando neste assunto e ele me disse que há uma vaga.

Tal vociferação proporcionou-me certo alívio, à medida que teria, possivelmente, um trabalho, algo a fazer, aspecto aquele que certamente diminuiria as broncas diárias que ouvia.

- E quando começo?

- Aguarda até amanhã pela manhã, passo por aqui umas sete horas e vamos.

- Tá bom.

Paulo então desceu uma pequena ladeira que se localizava antes de adentrar à sua residência, que estava abaixo do “morro” que separava nossas moradas. Ele assegurou a bicicleta com os braços e desceu.

Noutro dia eu já estava acordado às seis horas, tão cedo que ainda ouvia os roncoss de meu pai, que dormia na sala da casa. Eu, inclusive, passei por debaixo de sua rede, entrei no banheiro, lancei-me água de um tanque de cimento de um metro de altura por dois de comprimento que ficava em nosso banheiro. Esparzir-me alguns baldes, passei a escova no corpo. Depois do banho, fui até a caixa de papelão onde estavam minhas roupas, algumas camisas, cuecas e shorts, alguns, inclusive, cheios de buracos, remendados pelas linhas de mamãe. Peguei uma camisa de manga comprida marrom e um short cinza. Após escovar os dentes, sentei à

mesa e fiquei à espera do café que Dona Maria estava fazendo.

Passados cinco minutos ela apareceu.

– Já vai?

Ainda não, vou às sete. Eu estava sentado num mocho³ que tínhamos nas adjacências de nossa mesa. Nossa residência era à madeira, composta de longas brechas, o vento e o friozinho do dia por esta penetravam e atingia-nos.

Mamãe abriu o jirau,⁴ apossou-se do papeiro e começou o processo de fazedura do café: esse era feito da água chegada pela torneira, derramada por uma mangueira que ficava à nossa disposição.

Depois de dez minutos o café estava pronto. Café preto com farinha de mandioca, esta denominávamos: farinha graúda. Lá estava o nosso alimento às manhãs, embora, nalgumas ocasiões, comíamos pão caseiro ou bolachas. Eu comi rapidamente e comecei a organizar os elementos à

³ Sujeira no corpo.

⁴ Estrado a meia altura que serve para lava louça e outros utensílios.

partida como, por exemplo, um pouco de farinha na sacola de plástico. Coloquei também uma colher.

Antes de partir - não esqueci - pedi emprestada a bicicleta da mamãe. Ela consentiu, porém, asseverou que eu tomasse os devidos cuidados, que não furasse nenhum pneumático.

- Tchau mãe.

Peguei a *bike* roxa e sair de casa. Pelo fato de a Rua Treze de Maio ser à piçarra havia, na descida onde residíamos, buracos em decorrência da água advinda da chuva. Existiam duas casas longas, a primeira era de Dona Francisca, mãe de Alessandra, Vanderson e Erinelton. A mulher há alguns meses mantinha um relacionamento com André, um homem baixo que, quase sempre, andava vestido de chapéu longo e saliente, e recorrentemente chegava à rua em sua Bicicleta Monark azul.

Do outro lado da via morava Dona Joaquina, mãe de Francisco e de Daniel, este último recebia o apelido de “Mapa”, em funções das alergias que lhes compunhas às costas. “Mapa” era o morador mais briguento da redondeza.

Com efeito, nossa residência localizava-se em cima do morro e a de Paulo, embaixo, nas proximidades do quintal de nosso “poço”. Sua morada, à maneira da nossa, era de tábuas, donde de nossa janela via-se a sua quase por completo. Para chegar à casa deste descia-se uma pequena ladeira, perpendicular à baixada principal da Rua Treze de Maio.

Ora, naquele dia fiquei à espera do referido sentado na borda da casa de Seu Sebastião. Velho e muito conversador. Casado com Dona Rosa Maria, de 33 anos. À frente da casinha de tal Senhor vislumbrava-se uma calçada, onde este sentava comumente às tardes a fim de contar-nos suas histórias de juventude.

Foi na área escrita que fiquei à espera do meu guia, perfazendo seis e trinta da manhã, ei-lo subindo a ladeira, usando boné e camisa manga compridos pretos, sandália havaiana preta e sua bike descrita atrás.

- Vamos nesta! Ordenou-me.

- Vamos.

Desta feita, iniciamos nossa viagem.

A Fazendinha localizava-se a cerca de 12 km de onde residíamos, para nesta chegar percorríamos pelo Bairro do Trevo e do Samaumapara. Caminhando em largura, descendo em lugares pedregosos, em algumas ocasiões tivemos que baixar das bicicletas a fim de facilitar as passagens.

- O caminho é um pouco chato, mas a gente, com certo tempo, se acostuma. Vaticinou, ele.

E nós continuamos em pedalas fortes e extensivas. Após vinte e cinco minutos Paulo apontou o dedo indicador para frente anunciando.

- É ali que trabalho. Eu olhei e vi um barracão sem parede, coberto com telhas de barro, com prateleiras de tijolos e com telhas por toda a parte. Afora; outrossim, um monte de areia prostrado à frente da olaria.

Então portamo-nos naquele lugar.

- É por aqui! Aguçou. Entre as prateleiras havia espaços o suficiente para as caminhadas; carrinhos de mão, enxadas, terçados, machados e outros materiais que estavam jogados nos entreveros do barracão. Andamos um pouco e batemos de frente com dois rapazes, que se encontravam numa parte

a qual havia certa limpeza e espaços para transitar-se livremente, era a “cozinha” do barracão.

- Ê rapaz, anunciou Paulinho.

- Ê, respondeu um dos referidos. Este era um homem baixo, com aproximadamente 1.60 cm de altura, cabelos aparados nas partes baixa da cabeça e alto no cimo. O outro moço era de estatura um pouco mais elevada, trajava boné, camiseta escura e uma bermuda preta toda suja de barro, em sua boca tragava um massudo cigarro de maconha, dando baforadas, espumando fumaça a todos os lados.

Mediante aqueles, eu era um estranho, todavia, Paulo já os conhecia, então tratou de anunciar a compostura hodierna. – Este moleque tá a fim de trampo, será que o João Maria tem vaga?

- Rapaz, eu acho que não, asseverou o fumante.

- Também acho; confirmou o baixinho que trajava camisa azul marinho. Mediante as respostas negativas, houve, por um pequeno instante, certo silêncio. Até que Paulo olhou-me com certo desalento, afirmando o obvio: - Bicho, não vai dá.

Apesar da resposta negativa, naquela conjuntura qualquer trabalho seria um alento, porque ganharia meus primeiros trocados.

Não obstante, o rapaz que trajava boné asseverou: - Tem Vaga só lá no João Dedé.

- É, no João tem, anunciou o baixinho.

- O guia, virando a mim, confirmou as asseverações expostas. É o jeito tu ir lá dá uma tentada... e logo elucidou o percurso...

- É o seguinte, tu vai aqui direto, passa todas estas casas e estas olarias, quando chegar ao final tu vai ver um campo de futebol, tu vai perceber duas entradas, uma para a direita e outra para a esquerda, tu entra na que fica a tua direita... E VAI... VAI... VAI EMBORA... E já no final tu vai passar por uma ponte pequena que tapa um rio nanico e, então, andando mais um pouco vai enxergar duas olarias, uma é do João Dedé e a outra é do Mário, o irmão dele.

CAPÍTULO II

Caminho atoladiço

Recebida as direções, prosseguir a viagem. A Fazendinha apresentava-me algumas casas, todas de alvenarias, entretanto, existiam, também, olarias a todos os lados. Seis minutos pedalando, tempo o suficiente ao trânsito das áreas habitadas, quando cheguei à borda do campo de futebol. O dito estava vazio de homens, olhei e vi dois caminhos e, seguindo as indicações anteriores, desloquei-me pela abertura à minha direita. A estrada constituía-se de espessura o suficiente para a circulação de um caminhão, deveria ter seus seis metros de largura. O chão vislumbrava-se batido e com muitas poças de água acumuladas das chuvas.

Outra coisa recorrente na via era o gado que pastava em suas bordas.

Pois bem, atencioso leitor, continuou minha caminhada, passando por estrumo, atoleiros e

lamaçais, contudo, a maior parte do percurso estava tranquila, dando ao ciclista plaga para circular livremente. Em algumas partes da estrada foi possível encontrar pessoas, homens carregando passarinhos em gaiolas. É isto mesmo, por estas localidades há o hábito de prender os pássaros com a única finalidade de ouvi-los cantar, e o que os aprisionadores estavam fazendo naquele lugar era: passarinhar, ou seja: tentar capturar novas aves. Os passarinheiros andavam com gaiolas em mãos, algumas cobertas com panos brancos, não obstante, expunham os animais que transitavam no diminuto campo lhes permitido pela jaula da prisão.

Ê... Ê... Ê... Resmungavam os andantes, e eu, obviamente, respondia com o mesmo som.

- Ê.... Ê...

Passados quinze minutos, aproximei-me de uma ponte de uns oito metros de comprimento, o suficiente a permitir o trânsito de veículos e de pessoas. Um pouco à frente continha-se uma porteira. Após atravessá-la e caminhar mais um pouco cheguei às olarias. Como haviam me dito, eram dois barracões, além de muito próximos, tinham praticamente o mesmo tamanho,

aproximadamente noventa metros de largura por uns trezentos de comprimento. Em termos de horário, era mais ou menos sete e trinta. Em ambas ocorriam fortes barulhos de motores, os mesmos que se utiliza em barcos ou, mais recentemente, em canoas, conhecidas pelo nome de rabetas. Apesar do som reverberando nada impedia a conversa de quem estava um pouco afastado do som.

No interlúdio das duas olarias estava um caminhão truck amarelo estacionado. Em sua carroceria avistei um homem que aparentava ter uns cinquenta anos, pançudo e usando óculos de lente clara. Seu rosto era largo e seu nariz muito achatado, vestia camiseta preta e bermuda jeans azul. O caminhão estava cheio de lenha até a altura da capota, e o homem de cima atirava os pedaços de paus ao chão.

- Ê Seu, tem trampo aí?

Ele me olhou, coçou a cabeça suja de terra, e respondeu:

- Trampo é o que não falta. Tu quer trabalhar?

- Na hora.

- Então sobe aqui e me ajuda a jogar este material... Porquanto iniciei o trabalho.

- É o seguinte: tu pega esta lenha e joga para lá, o mais longe possível do caminhão para não acumular embaixo do veículo.

A força do homem era impressionante, ele atirava os paus a muito longe, vez ou outra passava a mão na testa suada, espreguiçava-se novamente e jogava. E eu, por outro lado, imitava seus gestos, apossando-me dos pedaços de paus e atirando-os ao chão.

- Joga primeiro os pequenos e leves e deixa os maiores para depois, alertou-me o velho. Eu continuei os movimentos. Depois de um tempo, meus braços começaram a ficar vermelhos, vislumbrando-se os primeiros cortes, porém, nada o suficiente a me fazer parar. Em alguns momentos os paus não saíram de minhas mãos com muito impulso, deslizando-se abaixo dos veículos.

- Joga forte rapaz!

No sol da manhã a cada dia mais quente continuamos nosso labor. Passados trinta minutos,

o caminhão começou a esvaziar, no entanto, as toras de maior tamanho continuavam por cima.

- Deixa estes para o final, alertou-me o velho.

Eu já estava com o rosto sujo pelos poluentes advindos da lenha queimada. Terminado de jogar os paus finos e leves, o homem veio à minha direção: - agora vamos atirar estes, os maiores. Eu assegurava de um lado e ele de outro, e rapidamente tudo estava ao chão.

Encerrada a labuta, ele desceu da carroceria, pegou duas vassouras, deu-me uma: - vamos varrer o carro, comece lá da traseira que eu inicio daqui. Rapidamente arrasamos e descemos da “lata-velha”. Eu estava preto pela poeira advinda da lenha, e meus braços estavam arranhados pelos ponteiros da madeira, além disso, a pele começou a ficar vermelha pelo tempo disposto ao sol.

No barraco do Senhor Dedé havia um espaço livre, sem tijolos ou telhas arrumados. Esta área era onde os trabalhadores realizavam suas refeições às onze horas da manhã. Dispunha-se também de panos, calças e camisas rasgadas lançadas ao chão, além de talheres em cima de alguns tijolos,

dispostos. Eu estava com demasiada sede, procurando água, estando sentado em um tijolo queimado, repondo as energias, aquando um trabalhador aproximou-se:

- Ê rapaz! Quer água?

Olhei de soslaio.

Era um homem de pele queimada, usava um boné preto (com as abas sujas pelo barro), calçava sandália havaiana preta, uma camiseta azul e uma bermuda velha rasgada.

- Sim.

- Pega aí! Eu olhei e ao lado estava um carote de óleo diesel, cortado em parte próximo a sua alça. Havia também uma canequinha próxima à parte que não estava cortada. Era este material de onde os trabalhadores tomavam água. Olhei ao fundo do material e estavam alguns resíduos assentados.

- É a água que tem, mete ficha! Disse o homem, enquanto eu introjetava goladas.

Enquanto eu estava sentado em descanso, outro homem se aproximou. Ele era barbudo e usava camiseta preta e short azul.

- É rapaz, tá com fome, trouxe farinha?

- Sim.

- Faz um chibé!

O alimento é a mistura de água e farinha, algumas vezes também constando sal, limão e pimenta.

Acostumado a tomar chibé, peguei uma cuia que estava na prateleira a guardar telhas.

- Tem sal ali, indicou o homem antes de dar umas goladas na água.

Neste prisma fiz o chibé e tomei rapidamente, antes que o grão de farinha amolecasse. Depois de toma-o, sentei novamente em cima do tijolo ao chão. Passados alguns minutos, outra vez o velho que eu havia auxiliado no caminhão apareceu, porém estava em companhia do Senhor Dedé, o dono da olaria.

- É rapaz. Disse Dedé, no erguer da mão direita a me cumprimentar.

- Este caboquinho apareceu a fim de trabalho e me ajudou no despacho da lenha, argumentou o

homem por mim ajudado. Ele tinha a alcunha de Binóculos e era irmão de Dedé. Seu trabalho era dirigir o caminhão Amarelo. Inobstante, o fato de ele conduzir o automóvel não o impedia de realizar trabalhos braçais mais bruscos, pois que o mesmo, igualmente, labutava no duro, cotidianamente.

Dedé disse-me: - fica um pouco aí que vou chamar dois caboclos pra te ajudar a encher o caminhão de material.

Eu fiquei na espreita, enquanto eles se retiraram.

Minutos depois Dedé e Binóculos apareceram com dois trabalhadores: um tinha aproximadamente um metro e oitenta, magro, rosto fino e trajava o boné com as abas para trás. O outro era um pouco mais baixo; pele queimada e vestindo camiseta vermelha e short preto.

- Vamos turmas, vamos encher o caminhão, indicou Binóculos.

Deslocamo-nos em direção ao forno de barro, repleto de telhas e tijolos. As características do espaço eram as seguintes: uma construção quadrangular, com aproximadamente três metros

de altura por cinco de comprimento. Em dois de seus quatro lados continham-se três furos rentes ao solo, o que totalizava seis, obviamente. Estes buracos eram por onde os oleiros lançavam as lenhas quando ocorria a queimação das peças cruas.

Na situação em que íamos trabalhar as peças já haviam sido passadas pelo processo de queima e precisavam ser entregues aos clientes. Ao chegar ao forno lotado, os dois trabalhadores lançaram-se em cima.

- Ê rapaz, ajuda a gente a descobrir o forno!

No cume o forno estava resguardado com pedaços de tijolos e telhas quebrados para proteger o material e também para impedir a fuga completa da fumaça na reação de combustão, permitindo, daquela maneira, a queima das peças em menor tempo.

Os cacos eram apertados com barro molhado à semelhança da massa de cimento, utilizada no tecer dos tijolos às construções.

Estando em cima, ainda sentia a quentura da queimada finalizada no dia anterior.

Quando terminamos de descobrir o forno, um trabalhador subiu no caminhão, que na ocasião já se encontrava às proximidades. Outro, assim como eu, ficou em cima das peças.

- Falta mais um aqui... ê, ê, ê, Deniiiiiiiiiiiis! Gritou o trabalhador que se encontrava no caminhão.

- Umbora porra! Acentuou o cara que estava no forno. Bastaram dois minutos e apareceu o Denis. O que é rapaz! Vocês querem me dar o cu.

- Trabalhar rapaz! Reafirmaram os labutadores de forma uníssona.

O cara que estava dentro do forno avisou-me: - fica aí que eu vou te jogar a telha, e daí tu joga pro Denis e ele joga pro Chagas. Destarte começamos a labuta.

Formado uma fila, Alex retirava as telhas do forno e estas chegavam para mim, e de eu saía ao Denis, até chegar ao Chagas. Este último organizava o material no caminhão. As telhas eram organizadas em “quina”, com as pontas para cima, uma próxima da outra, muito bem ajustadas para manter o equilíbrio das peças. Enquanto jogava, Alex acelerava os lançamentos destas: - não pateta

moleque, se não te jogo telha no peito... alertava-me, enquanto eu virava rapidamente para recebê-las.

No cerne do forno, as telhas estavam organizadas em duas grandes fileiras, uma em cima da outra, então, o trabalhador tratava de jogar a de cima, para depois livrar-se da de baixo. Vale dizer que ainda havia arcos de tijolos embaixo das telhas.

Decerto, o tempo foi passando e enquanto executávamos a atividade, eu ficava cada vez mais cansado. Para piorar a situação, Chagas batia palmas ao carro redarguindo: - Umbora jogador! O que ele estava fazendo era provocar Alex para que o mesmo jogasse as peças em maior velocidade. Alex, a seu modo, obedecia a tal intuito e lançava o material de forma cada vez mais brusca. Doravante aquilo eu virava o tronco para o lado esquerdo e para o direito a fim manter a execução equilibrada, embora, em duas ocasiões, vacilei e as peças caíram de minhas mãos, entretanto, por sorte, meus pés não foram atingidos. Com efeito, à medida que o forno ia esvaziando, ficávamos a cada instante, fisicamente, mais exaustos, exceto Chagas, que dançava e cantarolava, aquando dávamos pausas nas execuções. Ele estava com a sorte dos efeitos

da maconha que havia fumado antes do começo da labuta.

As últimas peças a serem lançadas estavam, comumente, repletas de poeiras que tempestevam nossas roupas.

Enchido o caminhão de telhas e tijolos, descemos do veículo. Eu fiquei sentado ao chão da olaria descansando. Seu Dedé se aproximou novamente e perguntou meu nome.

- Meu nome é Carlos Roberto.

- Muito bem Carlos, descansa que daqui a quinze minutos a gente vai entregar o material na cidade. Vamos aos compradores em Bragança.

CAPÍTULO III

A entrega das peças

Partimos para entrega das peças após banharmo-nos em um poço aberto localizado a uns sete metros da olaria.

Na boleia do caminhão foram Binóculos e Dedé e na carroceria - em cima das impetres - encontrava-se Chagas, Denis, Alex e eu. O veículo se deslocava lentamente para não quebrar nenhum objeto. Nossas bicicletas, necessárias ao regresso, foram postas nos entremeios de tijolos e telhas e sacolejavam pelas trepidações nas estradas. Os três trabalhadores desperdiçavam o tempo só fofocando sobre vidas alheias. As conversas giravam em torno de mulheres, as gostosas da localidade, mencionadas diversas vezes, e eu, por outro lado, ficava na minha, afinal aos dezesseis anos nenhuma havia pegado, e nem sequer conhecia aquelas formosas. Todavia, ouvia aquelas estórias inquieto, enquanto o carro circulava. Saíamos do Bairro Samaumapara,

cortamos o Trevo e rumamos para o Vila Sinhá. Entre ruas e ruelas chegamos a uma que ficava à frente do Cemitério Campo da Saudade.

Dedé e Binóculos saíram e bateram à porta de uma casa de alvenaria sem revestimento.

- É aqui mesmo, falou um homem calvo, de barba e barriga longas, sem camisa, calçando uma sandália preta e vestindo um short cinza.

674, confirmou o Senhor Dedé: - Pode baixar moçada!

Naquela situação o caminhão já estava posicionando rente à calçada, pronto para o desembarque.

- Um milheiro de cada, confirmou Binóculos.

O caminhão continha 2.500 tijolos e 3.000 telhas.

Imediatamente Chagas e Denis lançaram-se ao chão.

- Joga Alex, tu e o “Branco” aí.

- Primeiro telha ou tijolo? Indagou Denis.

- Tijolo rapaz, respondeu Chagas.

Os tijolos estavam arrumados, deitados um por cima do outro, com os buracos de três furos apontados para a lateral da carroceria, isto posto o trabalhador deveria colocar os dedos nos buracos a fim de lançá-los ao chão para o “arrumador” que, em terra, formava montinhos de peças.

- Joga de dois a dois “Brancão”, instruiu-me Alex. Paciente leitor, os tijolos deveriam ser arrumados deitados um sobre o outro, formando um monte com dez fieiras. Quando jogados a dois facilitava a arrumação e também a contagem, pois cada lote tinha cem peças. Para o equilíbrio, o trabalhador arrumava de maneira transversal a fim de manter estável a fileira que formava.

Quando começamos a jogar, eu logo percebi que o serviço exigia jeito, porque colocava o dedo e sentia as pontas dos tijolos penetrar na pele. Ao olhar para o lado, percebi Alex jogar a todo o vapor a Denis, já Chagas, como de práxis, batia palmas: - Umbora “Brancão”, não vamos perder para este caboclo. Eu tentava acelerar, porém, era impossível a concorrência, pois Alex lançava muito rápido.

Porra! Resmungava Chagas, confirmando seu estresse por eu ser lento nos lançamentos. Em meio aquilo concluímos o milheiro de tijolos e começamos os arremessos de telhas.

Ao contrário do que acontecia aos tijolos, essas não eram jogadas em dupla, eram entregues em “maços” ao arrumador

Alex acoplava uma grande massa de telhas, com doze juntadas, eu, por outro lado, arrolava no máximo sete; por isso Chagas logo me incidiu ordenações:

- Umbora Branco, um “machão deste”, carrega mais! Pega pelo meio da ‘bicha’! As peças estavam arrumadas em pé, uma à proximidade de outra. Eu tentei arrolar em dez, porém conseguir somente até oito. Posto ao chão o milheiro de telhas deslocamos à outra localidade.

A próxima casa, na Rua César Pereira no Bairro Perpétuo Socorro, ficava a uns quinhentos metros de onde estávamos; lá morava um casal de idosos, e quando chegamos eles estavam à espreita. A casa era de madeira, pintada com tinta verde, com uma porta e duas janelas na frente. A entrada ficava no

entremeio. - É aqui, acenou o velho de “cabeça branca”, então repetimos o ritual, colocamos todo o material ao chão.

O serviço acabou cerca de treze horas da tarde. Ao término Dedé nos avisou que poderíamos voltar para nossos lares, inobstante, Denis e eu retornaríamos no outro dia (terça-feira) para buscar lenha no Sítio do Cacoau do Piritoró.

Denis e Carlos, voltem amanhã pra gente ir catar lenha!

Eu voltei para minha residência com costa e braços doloridos. Um pouco de descanso foi mister, pois que às dezenove horas deveria me deslocar ao Bordallo, escola na qual cursava o 1º Ano do Ensino Médio.

CAPÍTULO IV

Lenha no Mato

Em vinte de janeiro, após acordar cedo - o café preto com farinha abasteceu-me. Outra vez montei a porra da bicicleta de mamãe, vinte minutos fora o suficiente para eu chegar à casa de Dedé (de onde iniciaríamos o trabalho do dia), isto é, ele morava nas proximidades da Escola Bordallo da Silva, há uns dois km de onde eu residia. Quando cheguei Binóculos já estava consertando um pneumático do caminhão.

- Ê!

- Ê!

- Umbora lá Denis (Binóculos).

- Umbora lá, correspondeu Denis.

Nosso trabalho inicial foi colocar água no radiador para que o caminhão desse partido.

Partimos somente às oito horas, após a chegada de Dedé.

O Cacoau do Peritoró era um sítio a longa distância, uns 60 km de onde estávamos. A estrada de chão batido reverberava poeira quando o veículo transitava. Havia pontos em que o caminhão circulava lentamente em função dos buracos que interceptavam o trânsito.

Depois de uma hora e meia de viagem chegamos ao local, isto é, uma casa de barro. À sua frente um homem negro com um terçado em mãos.

- É o Senhor Zé Paula? Interrogou Dedé.

- Isto mermo! Lá está à lenha! Ele apontou o dedo indicador para uns trinta metros de onde estávamos. O problema era que para chegar ao monte indicado seria necessário destocar-se o caminho, pois o matagal impedia a circulação do veículo.

Dedé colocou às mãos na cintura e disse: - é rapaziada, o jeito é cortar.

Retiramos terçados, machados e enxadas que estavam na carroceira e começamos a dilacerar

tocos. Entre grossos e finos, dávamos machadadas rente ao solo. Binóculos estava sempre ao lado dando informe: - mais para chão, vamos lá moçada! São dez horas, a gente tem que terminar este trabalho, vamos! Vamos!

Entre cortes e movimentos, chegamos onde estava a lenha. Um monte queimado se vislumbra, amontoado a um metro de altura por dezoito de comprimento. São dezoito metros de lenha, ponderou Dedé.

Binóculos aproximou o caminhão rente ao amontoado. Nosso trabalho era colocar toda aquela pilha dentro do Amarelão.

Dedé e Binóculos subiram ao veículo, por outro lado, obviamente, Denis e eu ficamos abaixo. Tínhamos como tarefa lançar os paus para os dois os arrumarem na carroceria. Então o serviço prosseguiu. Denis entregava a Dedé e eu ao outro.

Entregamos, inicialmente, os pedaços maiores. Dentro de uma hora concluímos nosso serviço. Eu estava “preto” em função do pueril da cinza escura pela queimada que o material havia anteriormente passado.

- Ali tem um rio, vocês podem ir até lá e se lavar, indicou José Paula. Foi onde lavamos rostos, pés e mãos.

Ainda houve tempo de comermos conserva trazida pelo Senhor Dedé. Ele cortou um pedaço de folha de bananeira e atirou-a ao chão, jogando-a sobre aquela, acrescentando farinha: - Vamos moçada!

- Cadê a colher? Interroguei.

- Que colher, que nada; pega uma folha de árvore, lava, dobra assim e come, ponderou Binóculos, já com um pedaço de folha dobrado em suas mãos para o alimento.

Terminada a refeição, Denis e eu subíamos à carroceria, ficamos, a partir de então, sobre a madeira arrumada. Daquela maneira viajamos uma hora e meia até a olaria para o processo de descarregamento. Porém, o serviço não encerrou cedo, porque após o desembarque do material retornamos novamente para buscar mais dezoito metros que José Paula havia organizado um pouco distante de onde realizamos o primeiro embarque.

Então enchemos o caminhão mais uma vez... o serviço acabou somente seis horas.

Estando em Bragança, Binóculos estacionou o carro na Praça do Trevo, no Posto de Gasolina Trevo.

- Vou abastecer o tanque, daqui vamos para a olaria, o caminhão vai ficar lá (Binóculos). Quem mora por aqui, pode ficar! Porque a gente desembocará o carro só amanhã.

- Eu fico! Disse. Desci de cima da lenha e rumei para casa. Pois que sete horas começaria meus estudos.

CAPÍTULO V

Mãos na Enxada

Quando cheguei à olaria em vinte de janeiro, era cedo, às seis e trinta da manhã, não havia ninguém no espaço, exceto no barracão de Seu Mário, que se encontrava ao lado, onde um homem manipulava um machado.

Alguns minutos depois chegaram os trabalhadores, todos juntos em suas respectivas bicicletas. Eles rapidamente trocaram as roupas e se prepararam ao serviço do dia. Eu também fiz isso, coloquei um boné azul à cabeça, vestí minha camiseta mais velha e um short preto.

Entretanto, a labuta, para seu início necessitava da presença do Raimundo Melo: o “gerente” da olaria.

- Raimundo chega muito tarde, porra! Reclamou Chagas.

E todos os trabalhadores eram concordantes: Raimundo chegava todos os dias, sempre atrasado. Ele era o responsável em trazer óleo diesel, necessário para o funcionamento da máquina, que produzia blocos de barro para fazer telhas e tijolos.

Às oito horas chegou Raimundo.

- Umbora Raimundo!

- Umbora porra! Asseverou outro trabalhador.

Antes de começar os trabalhos, Raimundo se deslocava a uma casa de alvenaria, distante uns cinquenta metros da cerâmica. Naquele local ele trocava as roupas, lavava os alimentos que trazia em sacolas de plásticos, além de ajustar os utensílios que seriam utilizados no trabalho, pois a residência protegia as engenhocas utilizadas nas labutas diárias. Tempos depois descobrir que Raimundo chegava atrasado porque sua esposa estava doente, portanto, ele, antes cuidava de sua companheira e da casa, adiantando os afazeres necessários à sua família.

Minutos após Raimundo desceu ao um poço o qual sua água era utilizada tanto aos banhos diários dos trabalhadores, quanto para lavar/cozer os

alimentos e para saciar a sede. Ele conduzia uma panela velha, preta pela fumaça diária a que era submetida no fogo à lenha. Era naquele utensílio que ele prepara o alimento.

A moçada ficava sentada espiando o forte Raimundo. – Umbora Raimundo, trabalhar porra!. Ele demonstrava não se importar com as admoestações, continuava fazendo seu serviço. Colocou a panela ao chão e retirou de dentro da mesma um quilo de feijão branco e um saquinho protegendo tripas de gado.

- “Bucho”⁵ de novo, daqui a pouco a gente tá cagando um boi, reclamou Chagas.

Raimundo lavava o “bucho” tranquilamente, metia o dedo e esfolava as tripas, jogava água dentro da panela, sacolejava e arremessava ao chão.

Ele, ao terminar a lavada, regressou a casa de alvenaria. Retornou com as duas mãos ocupadas, a direita conduzia o litro com óleo e a esquerda segurava a panela com o “bucho” para o almoço.

⁵ Em Bragança, “bucho” refere-se a tripas de gado.

- Umbora lá negada!

- Oito horas porra, e ainda põe bronca, atentou Alex.

Raimundo dirigiu-se ao motor que fabricava os materiais, abriu o carote e despejou os cinco litros de óleo diesel no motor da máquina. O equipamento era constituído à maneira seguinte: havia um motor comumente utilizado em embarcações, este era composto por um pedaço de aço alongado por onde se passava uma correia feita com partes de pneumáticos de caminhões, que se ligava a uma roda de aço de aproximadamente um metro de altura. Esta roda estava unida a outra ainda maior com o auxílio de outra correia, de modo a aumentar a pressão. Por fim, a roda maior era ligada a um pistão, instrumento responsável por fazer o material com a argila. O pistão girava porque estava concatenado, também, por uma correia ao eixo da roda maior. Em resumo, todo o meio tecnológico dependia da força que o motor exercia, sendo, este, porquanto, a pilastra ao trabalho.

Para o êxito da atividade eram necessários cinco trabalhadores, a saber: o “embarcador”, “o empurrador”, “o cortador” e dois “gafiadores”

para fazer tijolos e, no caso da produção de telhas, havia um arrumador e dois telheiros. Cada um era responsável por executar uma tarefa repetitiva da seguinte maneira: o “embarcador” responsabilizava-se por, utilizando-se de uma enxada, lançar argila cinza em uma caixinha feita de madeira para que o “empurrador” pegasse o barro e o colocasse com as mãos dentro do pistão, que o triturava com lâminas afiadas. O trabalho do “embarcador” era o mais duro, pois à medida que retirava barro, o buraco onde a argila estava aprofundava-se, o que, conseqüentemente, exigia deste maior esforço físico, porque ele deveria manter a caixinha a todo o instante cheia.

Por outro lado, o “empurrador” deveria tomar cuidado para não perder um dedo ou até mesmo o braço na lâmina que retalhava o barro. A função deste trabalhador era empurrar a argila para a boca do pistão.

Quanto ao “cortador”, realizava o serviço mais “leve”, pois este era o encarregado por cortar o barro que saía da boca do pistão por um fio atado num carrinho por onde o barro, já modificado, passava. O grande problema a ele era quando algum pedaço de pau ou pedra, que estava entremeado na

argila, interrompia a saída no pistão, o que exigia do “cortador” habilidades para meter uma chave e retirar o objeto engatado.

Já os “gafiadores” existiam apenas quando o material a ser feito eram os tijolos. Eles trabalhavam com um gafo de madeira de uns trinta centímetros, pegavam os tijolos crus, já talhados pelo “cortador” e o colocavam em cima de um carrinho de mão para, posteriormente, os levarem às prateleiras para que lá fossem secados pelo ar diário.

Com efeito, quando se faziam blocos de barros para telhas, obviamente, não era necessário um “gafiador”, mas um “arrumador”. Uma pessoa responsável por organiza-os em montes, tudo devidamente contabilizados. As telhas eram construídas por dois trabalhadores que se responsabilizavam em pô-las nas prateleiras. O “arrumador” à medida que ajustava os blocos os conferia. Numa manhã dava para fazer 2.000. Os telheiros argumentavam que, com muito esforço, conseguiam fazer 5.000 telhas por semana.

Daquele feita, tudo se desenrolava. Zé Maria se aproximou do pistão, fez o sinal da cruz, enquanto Raimundo ligava o motor... pá, pá, pápápápá... Alex

e Denis se apossaram dos gafos e Roberto sentou-se no banco (que na realidade era um conjunto de tijolos concretados), e preparou-se a cortar. O que restou a mim, o monte de argila para embarcar, eu executaria a função mais cansativa.

- Umbora caboquinho! Ordenou Zé Maria.

Eu peguei a enxada, entrei no buraco cheio de barro e comecei a embarcar. Após dá quatro ou cinco enxadadas deveria molhá-la, dentro de uma vasilha cheia de água. O objetivo era não deixar o fio da enxada enxuto para que a argila nele não colasse.

- Molha a enxada, indicava Zé Maria.

O grande problema era que, mesmo molhando-a, a máquina não parava de consumir barro, e eu deveria encher a caixinha de pau, de onde Zé Maria pegava o barro para colocá-lo no motor que girava cada vez mais rápido, não obstante, meus braços cansavam a mesma velocidade. Eu cansava, a respiração ofegava, sentia que não deveria apavorar-me porque assim desistiria, não poderia dar sinal de fraqueza.

Inobstante, Zé Maria logo percebeu meu cansaço e brandiu.

- Ê... Ê... O novato vai correr.

Roberto também acompanhava a vociferação.... Vai, vai correr mesmo.

- Uouuuuuu... vai correr, todos brandiram... Não embarcou nem 300 blocos... Rarrarrarra...

Então eu não parava, continuava dando enxadas, porém a máquina estava faminta, ela estava vencendo.

Eu apenas desistir quando não estava mais suportando, os braços cansaram e as pernas começaram a ficar bambas. – Vai lá! Disse a Roberto. Sentei no banco para cortar os blocos de barro. Enquanto isto, Roberto rapidamente pegou a enxada e começou a labutar. Eu, por fim, descansei sem ao menos suportar quarenta minutos no cabo da enxada. Todavia, de vez em quando o pistão engatava, e eu, obrigatoriamente, introduzia um pedaço de ferro para retirar o material que interceptava, fosse uma pedra ou um pedacinho de pau. Porém atrapalhava-me quando o tijolo prendia.

- Umbora caboquinho.... Ah caboquinho abarbeiro, vociferava Zé Maria. Eu colocava o pedaço de ferro, puxava e nada de desengatar.

Irritado, Zé Maria saía de seu posto, pegava a barra de ferro de 30 centímetros de minhas mãos e rapidamente normatizava.

Houve também outro problema, quando eu cortava o tijolo tinha que puxar rapidamente o carrinho para que o “gafiador” apanhasse o bloco mole, e eu não procedia corretamente.

- Puxa! Dizia Denis!

- Umbora caboco, puxa o carrinho, reafirmava Alex.

Continuava eu atrapalhado naquela manhã ensolarada. Em meio àquela situação, Dedé, o proprietário novamente apareceu. Ao ver a conjuntura, se aproximou.

- Sai daí rapaz! Olha como se faz, pega o carrinho assim com força e segura, corta o tijolo, Puxa e Trás, Puxa e Trás. Vamos, tenta aí!

Eu novamente recomecei, porém, nada de conseguir e seu Dedé resmungou:

- Ah caboquinho difícil de aprender as coisas. Vai ajudar o Raimundo a cortar lenhas, deixa que eu faço isso.

CAPÍTULO VI

Mãos no machado

Sai da atividade às adjacências do motor, tomei um gole de água, fiquei uns três minutos parado na “cozinha” da olaria. Do outro lado, observava Raimundo, que trajava um boné marrom, dando machadadas na lenha.

Quando me aproximei dele, logo recebi orientações. – Pega aquele machado ali e vamos cortar esta lenha. Havia pedaços variados de paus e daqueles apenas os grandes deveriam ser cortados. Os mais grossos não cabiam na boca do forno e, portanto, careceriam ser divididos em pedaços menores a fim de serem úteis à execução da atividade.

Raimundo desviou os pedaços para próximo de si aos cortes. Ele dava cinco, seis e até dez machadas para partir a tora, pelo seu epicentro. Após isso ele partia novamente as duas bandas,

produtos dos golpes anteriores, até forma-se quatro pedaços.

- É o seguinte novato, pega o machado aí e corta a outra parte da madeira.

Ele então jogou a tora de um metro de comprimento com uns trinta centímetros de largura às proximidades de meus pés. – Eu dou machadada deste lado e tu dás do outro.

Ele ergueu o machado e acertou o centro da madeira, engendrando nela uma leve fissura.

- Agora dali do outro lado!

Eu levantei o machado e acertei a ponta, na outra extremidade.

Ele novamente deu uma machadada e partiu a madeira ao meio. – É assim que se faz rapaz.

A partir daquele trabalhamos no outro e mais lenhas.

Quando o tempo disse: onze horas! Encerramos o serviço, porque era o momento do almoço e do descanso. Olhei a palma de minha mão direita e lá se vislumbrava os primeiros calos.

Eu não levei meu prato, um instrumento necessário, porque era obrigação de todo trabalhador levar seu material ao alimento.

Observando a minha situação, o trabalhador Denis, ensinou-me:

- É o seguinte, pega uma telha queimada, lava, coloca farinha nos dois lados e depois joga o feijão no meio.

Assim o fiz.

Naquele dia retornei para casa após o almoço, porque Dedé disse que não haveria atividade para mim à tarde.

CAPÍTULO VII

A Fazendinha

Recebida a ordem do proprietário, me preparei a voltar para minha casa. Após lavar meus pés, montei na bicicleta e retornei. Pelo fato de haver chovido na madrugada daquele dia, os caminhos estavam atoladiços. No campo de futebol, mesmo sendo ainda doze horas e alguns minutos estavam lá garotas jogando. Desorganizado, o jogo, em grande parte, ocorria no meio do campo. À beira deste, algumas moças, crianças e idosos incentivam a moçada.

À frente todas as olarias estavam funcionando, e parecia que onze horas era o horário de descanso ao trabalho apenas nas olarias do Dedé e do Mário.

Os homens labutavam “engafando” e “embarcando”; porém, em algumas cerâmicas, as mulheres também auxiliavam cortando tijolos e blocos de barro na boca do pistão.

Existiam também crianças ajudando, limpando lixo e/ou varrendo os barracões. Era tanta olaria que praticamente ocultavam as duas únicas tavernas do lugar, que certamente tinha papéis importantes no abastecimento da vila, principalmente em aspectos concernentes aos gêneros alimentícios. Embora muito do que se consumia na localidade viesse de Bragança (sede), pois no amanhecer as pessoas se deslocavam a esta em suas bicicletas e/ou motocicletas.

Um pouco adiante da Fazendinha, a uns 4 km localizava-se a comunidade de “Maranhãozinho”. Essa era densamente povoada, não obstante, lá não havia olaria. A turma do Dedé comentava que em tal lugar se vendia muita droga, principalmente maconha. As casas eram quase todas de pau-a-pique, sendo umas poucas de tijolos. Alojadas uma muito próxima à outra. Eu olhava atentamente para as residências, entretanto quase cair numa poça de lama ao meio da estrada. Duas meninas, que vinham em sentido contrário, gargalharam da situação. Eram as moças que eu frequentemente via quando retornava da olaria, que em grande parte me davam sorrisos; porém, eu nunca sequer descobrir seus nomes.

Cheguei a minha casa treze e trinta, só deu tempo de atirar-me à rede e dormir.

CAPÍTULO VIII

A Fornada

Em vinte e três de janeiro estava novamente na olaria. Naquele dia Chagas e João Branco estavam prensando telhas... bhan... bhan... bhan... A prensa fazia um barulho bem característico

Quando Raimundo chegou, logo asseverou:

- Hoje vamos fazer uma fornada! Porque o material está seco, pronto para a queima.

Todos os trabalhadores, às oito horas começaram o trampo. Raimundo ordenou que eu não trabalhasse no forno

- Tu Carlos Roberto, vai limpar a olaria, vai trabalhar como diarista hoje e ficar até quatro horas da tarde, para poder cumprir seu dia. Vai lá ao alojamento que fica do lado de nossa casa e pega uma enxada, uma pá e um carrinho de mão. Deixa o barracão um brinco, não vou te colocar na fornada

porque tu não sabe como funciona o negócio, quando aprender te coloco lá.

Comecei a limpar, alocando pedaços de barros e materiais queimados ou secos que estavam espalhados em meio às prateleiras. Enquanto isso, a moçada trabalhava no forno. Suas conversas giravam quase sempre em torno do cotidiano de seus locais de morada... fulano traiu ciclano... As falas pejorativas sobre as mulheres... fulana é gostosa... é puta... e o trabalho ia decorrendo naturalmente.

Os oleiros começaram a encher o forno com os materiais que estavam enfileirados. Enquanto dois trabalhadores estavam no interior do ambiente ajustando a arcaria, outros dois ficavam na borda deste atirando tijolos para serem organizados. Após uma hora de trabalho, todos os tijolos estavam arrumados. As telhas, por serem leves e fáceis de quebrar ficavam em cima daqueles. Ao término do preenchimento os trabalhadores pegaram pequenos pedaços de cacos para cobrir as brechas na arcaria. Um pouco do barro molhado era posto junto aos cacos para fechar a fornada. Tudo era feito de maneira densamente calculada para aumentar a pressão no interior de modo a facilitar a

queimadura do material. Quando o “queimador” estivesse na atividade, ele, utilizando de uma vara, abria um pequeno buraco onde estavam os cacos para desabafar o forno. Isso ocorria quando o material estava totalmente queimado.

Os trabalhadores do forno partiram às quatorze horas, inobstante, Raimundo, os telheiros e eu permanecemos.

Eu não cessava o serviço, enchendo o carrinho de mão e atirando o lixo para fora. Ao ver aquilo Chagas me alertou: - Ei novato, e bicho, não trabalha muito não, tu morre e o serviço fica. Tu é diarista, o patrão não aumentará nada pra ti, só aumenta trabalho.

Havia aqueles que trabalhavam na empreitada, ou seja, realizavam determinada tarefa, ao concluí-la, enceravam o serviço do dia, e recebiam o equivalente acertado com o patrão. Por outro lado, o diarista deveria labutar até dezesseis para ganhar o dia: o equivalente a seis reais, isso mesmo.

O gerente Raimundo anotava tudo em seu caderno, para posteriormente entregar os cálculos do dinheiro que receberia cada trabalhador.

Noutras vezes em que trabalhei de diarista já conseguia matar o tempo, tomava uma e outra caneca de água e sentava na alça do carrinho, andava pelo barracão, enfim, meios para “matar a hora”.

CAPÍTULO IX

Entrega de material

O dia vinte e quatro de fevereiro era o final da semana, eu já tinha nas mãos alguns calos sorrindo, porém nada que me fizesse desistir. O patrão havia me indicado como um dos trabalhadores que entregaria material naquele dia. Reunimo-nos em sua residência.

- Vocês devem entregar um milheiro de telhas e dois de tijolos, acabou banhou, acertou Dedé.

Denis, Zé Maria, Carlos e eu realizamos toda a atividade, circulando pela cidade, enfim, distribuindo material.

O serviço acabou doze horas, e voltamos para a casa do patrão, sujos pela poeira do material. Lá Dedé esperou-nos sentado numa cadeira de plástico, coçando a cabeça branca. Ele forneceu-nos almoço: peixe cozido com farinha.

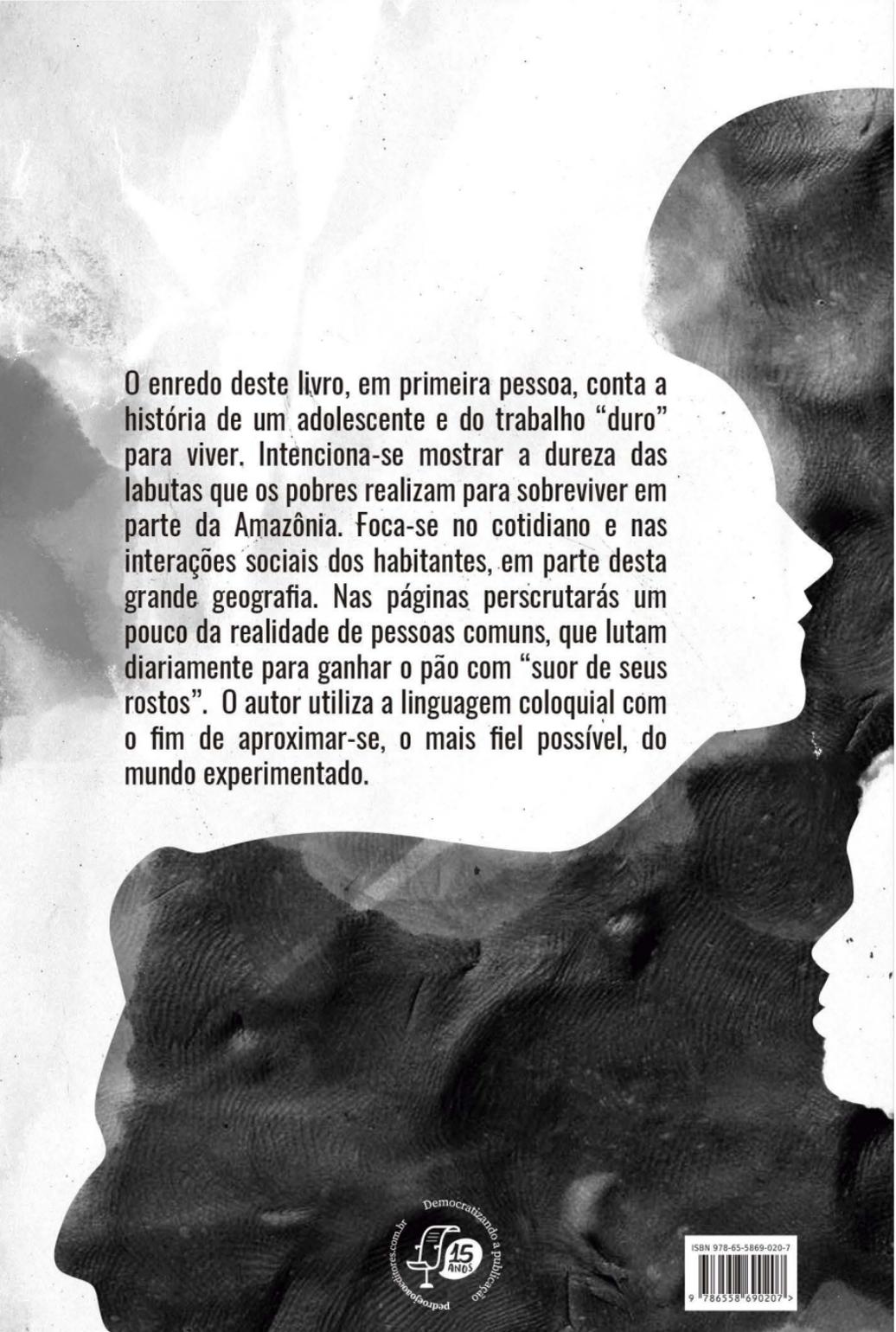
Às treze horas da tarde começou a nos pagar.

CAPÍTULO X

Salário Semanal

No caderno estavam todos os gastos e “salários” de cada trabalhador. Paulatinamente ele foi entregando... Chagas... Denis.... Quando chegou a minha vez, exclamou... ê rapaz, é tu mesmo é... olhou ao caderno... 36 reais, é isso... colocou a mão no bolso esquerdo de sua bermuda e posteriormente esfregou o grande e achatado nariz com o dinheiro no punho. Entregou o meu quinhão.

Assim ele me pagou. Eu trabalharia seis meses em sua olaria.



O enredo deste livro, em primeira pessoa, conta a história de um adolescente e do trabalho “duro” para viver. Intenciona-se mostrar a dureza das labutas que os pobres realizam para sobreviver em parte da Amazônia. Foca-se no cotidiano e nas interações sociais dos habitantes, em parte desta grande geografia. Nas páginas perscrutarás um pouco da realidade de pessoas comuns, que lutam diariamente para ganhar o pão com “suor de seus rostos”. O autor utiliza a linguagem coloquial com o fim de aproximar-se, o mais fiel possível, do mundo experimentado.



ISBN 978-65-5869-020-7

